ENTRE CAVALOS E VAQUEJADAS: A ESCUTA SENSÍVEL DA FALA INFANTIL NO CONTEXTO CULTURAL NORDESTINO DA CIDADE DE GUANAMBI

Rejane Menezes Santos

Creche Eni Alves Santana, Guanambi, BA, Brasil

rejanems12@gmail.com

.

Resumo

O presente relato descreve uma experiência pedagógica vivenciada na Educação Infantil, em uma turma do terceiro período da Creche Eni Alves Santana na cidade de Guanambi. O episódio ocorreu durante a realização de uma atividade, quando uma criança de forma espontânea fez uma relação entre a cor que ele se enxergava e a cor do cavalo de seu irmão e a participação em vaquejadas. A partir desse momento, buscou-se valorizar a fala infantil como expressão de identidade e pertencimento relacionando-a à cultura local e às memórias familiares. A reflexão fundamenta-se em autores como Paulo Freire, Kishimoto e Abramowicz, bem como nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e para a Educação das Relações Étnico-Raciais. A experiência evidencia a importância da escuta sensível, da valorização do território e da mediação crítica do educador, fortalecendo vínculos e ampliando aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Infantil; Cultura local; Oralidade; Protagonismo Infantil; Consciência Negra.

1 Introdução

O presente relato apresenta uma experiência vivenciada na Educação Infantil, em uma turma do terceiro período da Creche Eni Alves localizada na cidade de Guanambi/BA, quando uma criança, de forma espontânea, narrou sobre o cavalo de seu irmão e sua participação nas vaquejadas.

Tal episódio evidencia a relevância da escuta sensível e do reconhecimento da cultura local como elementos essenciais para a prática pedagógica, alinhando-se à perspectiva de uma educação que valoriza o território e a identidade da criança.

2 Caracterização do espaço formativo

As atividades foram vivenciadas na Creche Municipal Eni Alves Santana situada no município de Guanambi/BA, tendo como participantes as professoras regentes Rejane, Sara, a

professora auxiliar Bianca, a cuidadora Samara e as 22 crianças da turma do 3º período B com faixa etária de 4 anos de idade, as atividades formam desenvolvidas no intervalo de 15 dias.

O município de Guanambi onde a experiência ocorreu possui forte vínculo com atividades rurais e manifestações culturais tradicionais, como a vaquejada. Essa prática, para além de um evento esportivo, é carregada de significados históricos e identitários, marcando relações sociais e memórias coletivas.

Na Educação Infantil, a cultura das crianças e de suas famílias compõe um campo riquíssimo para o trabalho pedagógico, conforme destacam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), ao afirmarem que a escola deve reconhecer e valorizar a diversidade cultural presente no cotidiano dos estudantes.

3 Descrição e análise da experiência

Durante a realização de uma atividade, propôs-se que cada criança escolhesse uma cor de tinta que se assemelhasse com a cor de sua pele. Uma criança com todo entusiasmo escolheu sua cor que foi a marrom e explicou o porquê a tinha escolhido, detalhando que a cor era igual a cor do cavalo do seu irmão Gabriel. Segundo a criança, Gabriel participava de vaquejadas, montava e derrubava boi, e, no fim de semana anterior ele tinha viajado com sua família para ver seu irmão montar no boi.

Sobre isso, ~~forma,~~ Abramowicz (2003) ressalta que a diversidade cultural deve ser assumida como eixo estruturante da prática pedagógica, considerando que cada criança traz consigo marcas de raça, classe, gênero e território. No caso da vaquejada, essa prática está historicamente ligada à vida no sertão nordestino, com forte presença da população negra e quilombola, o que permite abordar a Educação para as Relações Étnico-Raciais (Resolução CNE/CP nº 1/2004) de forma concreta e significativa.

E foi exatamente essa intenção da professora Rejane ao ouvir o relato da criança. Uma vez que, a proposta de trabalho de início era fazer com que a criança se percebesse enquanto um sujeito negro, pardo ou branco no momento da escolha da cor da tinta para pintar seu rolinho

que mais a frente se transformaria em um boneco. Só que a criança, Moisés foi bem mais além do esperado, ao fazer relação da sua cor com a cor do cavalo do seu irmão.

Assim a RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana afirma no Art. 2º que:

> As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

Sendo assim, é de extrema importância que sejam abordadas e valorizadas atividades desde a Educação Infantil que favoreçam o autorreconhecimento racial, a valorização das referências culturais das crianças e o diálogo com suas vivências como a memória da vaquejada. Elas contribuem para a construção de uma identidade positiva de crianças negras, o reconhecimento da diversidade no grupo, alinhando a prática docente às diretrizes da Educação para as Relações Étnico-Raciais e à perspectiva de formação de cidadãos críticos, conscientes e respeitosos das diferenças.

Visando utilizar a vivência da criança como atividade pedagógica e de valorização racial e cultural, a professora prontamente compartilhou com as outras crianças a narrativa feita por Moisés. Para fortalecer as ações futuras, a professora pediu à família de Moisés uma foto do cavalo, roupas típicas, bota e chapéu, as mesmas que ele costuma usar para ver o irmão nas vaquejadas. Solicitou que ele viesse já vestido no dia seguinte e então ele fez a narrativa para seus colegas ressaltando e deixando evidente todo seu amor pelas vaquejadas. Ao narrar, ele utilizou gestos e sons para apresentar o galope e a professora mostrou para os colegas fotos como a do cavalo do irmão, do seu aniversário com tema de fazenda, as suas roupas, botas e chapéu o que despertou o interesse do grupo inteiro. Moisés ficou feliz e entusiasmado quando a professora mostrou suas roupas para a turma, o que foi percebido por seus gestos de contentamento. Dando continuidade a professora interveio com perguntas abertas – “Como é a

vaquejada?", "Quem cuida do cavalo?" "O que o cavalo come?", "Onde ele mora?" estimulando a oralidade e a ampliação da narrativa. E eles foram respondendo: - A vaquejada é onde monta em cavalo! E Ruan acrescentou: - É onde tem festa! Sobre o que o cavalo come uns responderam: - Ele come capim, outro disse: - Ele gosta de cenoura e outro falou: Ele come banana. E sobre o lugar onde ele mora uns disseram: - Ele mora na roça. Outro disse: Ele mora na fazenda com os outros animais. A professora indagou: - "Quais são esses outros animais? E Laura logo respondeu: - Com a galinha. E Valentina falou: - Com o porco. E Moisés gritou:- Com o boi tia. E Ícaro acrescentava: - Com o cachorro e por fim, Laysla citou: - Com o pato. O momento gerou conexões com memórias e experiências de outras crianças, transformando-se em uma troca cultural coletiva. A escuta atenta às falas infantis é central na pedagogia crítica. Paulo Freire (1996) defende que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, compreendendo que eles carregam histórias e experiências que dialogam com o conhecimento escolar. Assim, quando o professor valoriza a narrativa da criança, reconhece-a como sujeito histórico e produtor de cultura. Alguns desses momentos são apresentados na Figura 1.

Figura 1: momentos da aula e compartilhamento de informações.
Fonte: Autoria própria e imagens cedidas pela família da criança (2025).

A partir das falas das crianças a professora Rejane criou um contexto de experiência com atividades baseadas nas falas delas sobre vaquejada. De início a professora exibiu um vídeo na TV de uma vaquejada, às crianças ficaram animadas ao vê-lo, fazendo comentários que gostavam de ir nesses eventos, falaram sobre montaria em cavalo e Moisés fez questão de ressaltar que era daquele jeito que seu irmão montava e derrubava boi. Logo após assistirem ao vídeo, a professora fez a relação entre as imagens do vídeo e o que tinham falado sobre o cavalo o irmão de Moisés e a vaquejada. Por fim, a professora levou às crianças para o pátio da creche, distribuiu animais de brinquedo e peças de lego para que brincassem livremente de fazendinha, usando sua imaginação e criatividade. Esse último momento está demonstrado na Figura 2.

Figura 2: Crianças brincando de fazendinha na área externa da creche.
Fonte: autoria própria (2025).

No dia seguinte, damos continuidade a temática ressaltando a importância do cavalo para essa prática esportiva, bem como citando que existem animais como esses de várias cores, tamanhos e modelos. Apresentamos imagens de vários cavalos diferentes para trabalhar com a diversidade desses animais e ressaltamos as formas como eles são utilizados na vida das pessoas. Apesar de ser animais originalmente livres, o homem domesticou o cavalo para uso pessoal. Transporte de pessoas e mercadorias era muito utilizado no século passado. Para finalizar a ação pedagógica, as crianças fizeram o registro pictográfico de um cavalo de sua escolha. Os desenhos feitos pelas crianças estão demonstrados na Figura 3, abaixo.

Figura 3: Crianças fazendo o registro pictográfico dos cavalos.
Fonte: Autoria própria (2025)

No encontro seguinte a professora foi trabalhar com as crianças a escrita da palavra cavalo. De início escreveu a palavra no quadro da sala, fazendo a pronúncia de letra por letra da palavra em voz alta, pedindo para que as crianças repetissem junto com ela. Dando seguimento, chamou algumas crianças a frente para identificarem as letras citadas no alfabeto exposto na sala. Por fim, a professora, colou no chão da sala um pedaço de papel pardo, distribuiu canetinhas e pediu para que as crianças fazerem a escrita dirigida da palavra cavalo a partir da palavra escrita em uma folha de papel ofício. Magda Soares, 2003 diz que "na escrita dirigida, o professor propõe situações em que a criança precisa escrever a partir de um objetivo específico, mediando e oferecendo suporte para que avance em suas hipóteses e compreenda melhor o funcionamento da linguagem escrita." E assim aconteceu, a partir do direcionamento da professora às crianças foram tentando escrever a palavra cavalo e desenvolvendo seu processo de escrita. O momento da escrita está registrado nas Figuras 4 de 5.

Figura 4: momento do registro escrito feito pelas crianças.
Fonte: autoria própria (2025)

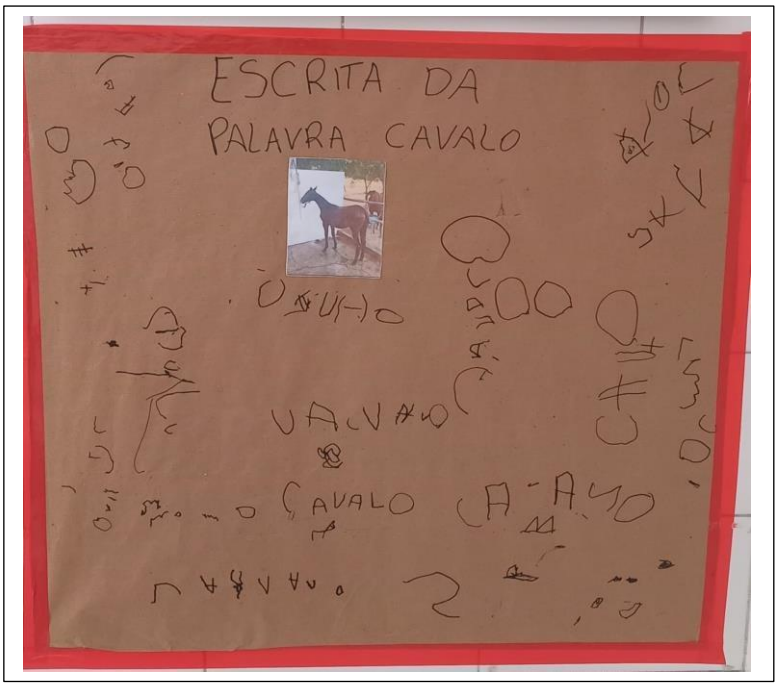

Figura 5: Cartaz com o registro escrito da palavra cavalo feito pelas crianças
Fonte: Autoria própria (2025)

No encontro seguinte foi realizada a construção de um fantoche de cavalo. Ela retomou a conversa sobre vaquejada e cavalos, mostrou novamente o vídeo das cavalgadas e por fim, mostrou às crianças um fantoche de cavalo, às crianças ficaram ansiosas para fazer o seu. Assim,

a professora foi chamando de duas em duas para pintar o rolo de papel higiênico que seria o corpo do cavalo e indagando elas sobre qual seria a cor do seu animal e eles iam escolhendo e pintando com todo entusiasmo. Por fim todos, pintaram seu rolinho, a professora concluiu o fantoche e no final da aula todos brincaram com seus cavalos. Nesse sentido, Kishimoto (2011) destaca que o brincar e a oralidade são elementos fundamentais para o desenvolvimento infantil, pois estimulam a imaginação, a socialização e a construção de significados a partir da realidade vivida.

Foi desenvolvido também uma atividade baseada no questionamento da professora sobre o que o cavalo comia. Como ficaram na dúvida sobre o que realmente os cavalos comem, a professora propôs uma brincadeira que consistia em alimentar o cavalo. Antes ela, explicou sobre o que os cavalos comiam e de onde vinha a comida deles.

Em seguida, explicou como seria a brincadeira, colocou duas imagens de cavalos em duas cadeiras separadas e amarrou lã no rolo de papel higiênico para que às crianças fossem enrolando a lã no rolo que passava pela boca do cavalo, e assim ela estaria o alimentando, quem enrolasse primeiro ganharia a brincadeira (Figura 6). Dessa forma, trabalhamos competências relacionas a imaginação, concentração, coordenação motora ampla, dentre outros. Esse trabalho corresponde aos estudos de Piaget (1971) pois para ele, a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Não apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento.

Figura 6: crianças brincando de alimentar o cavalo com cordão

Fonte: Autoria própria (2025)

A atividade seguinte foi um momento de pintura do cavalo. Mas não era um cavalo de papel, eram o cavalo de pau que eles depois iriam montar e brincar de corrida de cavalo como fazem nas vaquejadas. As crianças ficaram animadas, falando que já tinham assistido a corrida de cavalo e que gostam muito de participar desse evento. A professora colocou um vídeo na TV para eles recordarem como é organizada uma vaquejada, o simbolismo existente nela com as vestimentas dos vaqueiros, seus cavalos todos arrumados, o som do berrante e as músicas que retratam a cultura do povo do Sertão.

Por fim, reuniu as crianças e foi chamando de duas em duas para pintar a cara do seu cavalo, a professora colocou sobre a mesa o giz de cera e pediu para que eles escolhessem a cor que mais gostavam para fazer sua pintura (Figura 7), ao final a professora colou a cara do cavalo no cabo de vassoura e no dia seguinte organizou uma pequena cavalgada no pátio da creche. Esse tipo de atividade é uma maneira de valorizar a cultura do território de identidade dessas crianças, bem como com a questão étnico-racial, ao retratar o simbolismo existente ao falar das vaquejadas.

Figura 7: Crianças com as caras dos cavalos já pintadas
Fonte: autoria própria (2025)

4 Considerações finais

A vivência descrita confirma que as falas infantis são portadoras de saberes e identidades. Integrá-las ao trabalho pedagógico fortalece o vínculo escola-comunidade e contribui para a formação cidadã crítica e contextualizada. O brincar associado ao planejamento adequado podem ser potentes ferramentas de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, fugindo das ideias de incapacidade infantil e de creche como apenas vinculada ao cuidado. As crianças podem protagonizar suas aprendizagens e construir conhecimento de maneira significativa a partir daquilo que elas já conhecem e já tem convívio, restando apenas o olhar atento e a escuta sensível do professor. A valorização da cultura local e a escuta sensível de professor torna-se, assim, práticas essenciais para uma educação que respeita as diferenças e promove a inclusão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICZ, Anete. **Educação Infantil e a diversidade cultural**. Campinas: Autores Associados. 2003.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.